

A arte marajoara nas aprendizagens visuais

Marajoara art in visual learning

Aldair José Batista de Souza Batista Souza¹

Resumo

O presente trabalho apresenta uma abordagem pedagógica para o tema a Cerâmica Marajoara no ensino da Arte. Este estudo fundamenta-se no uso da cerâmica no ambiente escolar. O objetivo deste ensaio é apresentar estratégias de ensino e aprendizagem em Arte, fazendo uso da Arte Marajoara na sala de aula, para ser utilizado com a intermediação do professor. Desse modo, pretende-se apresentar a experiência de docente fazendo uso da arte da cerâmica da Amazônia, na Escola Municipal Maria Valdionice Pereira na cidade de Carutapera-MA. Este trabalho revela a sintonia entre as áreas de pesquisa arqueológica preocupadas em partilhar o conhecimento científico com a sociedade. Ademais, poderá ser um instrumento auxiliar para as escolas na demonstração metodológica de que os acervos dos museus são importantes documentos reveladores de informações e, portanto, um valioso e útil patrimônio para a sociedade.

Palavras-chave: arte marajoara; arte/educação; metodologia de ensino de arte

Abstract

This paper presents a pedagogical approach to the topic Marajoarian Ceramics in Art Education. This study is based on the use of ceramics in the school environment. The aim of this paper is to introduce teaching and learning strategies in Art, making use of Marajoarian Art in the classroom, to be used with the intermediation of the teacher. Thus, we intend to present the teaching experience, making use of the art of Amazonian ceramics in the Municipal School Maria Valdionice Pereira, in the city of Carutapera-MA. This work reveals the synchrony between the areas of archaeological research concerned with sharing scientific knowledge with society. Moreover, it may be an auxiliary instrument for schools in methodologically demonstrating that museum collections are important documents, revealing information and, therefore, being a valuable and useful asset to society.

Keywords: marajoarian art; art/education; art teaching methodology

Introdução

As manifestações artísticas indígenas, que se expressam através de artefatos e grafismos, se apresenta como um importante recurso pedagógico para ser utilizado pelos professores. O conhecimento implícito presente na cultura indígena poderá auxiliar na construção do pensamento geométrico, além de envolver conhecimentos sobre História, Geografia e Arte. A inserção da cultura indígena na escola, por meio do ensino de arte, permite ao educando o contato direto com diversas manifestações artísticas indígenas.

Por isso, nosso grande desafio se faz por criar estratégias para trabalhar a cerâmica marajoara no ambiente escolar. A abordagem de ensino da arte marajoara na perspectiva aqui apontada exige da coordenação, dos supervisores e licenciados, antes de tudo, um rompimento com as convicções tradicionais de ensino de arte arraigadas aos conceitos hegemônicos de cultura. Acreditamos que torna-se cada vez mais —necessário desconstruir, desbancar, ampliar os conceitos de cultura e arte, tomar ciência das relações de poder entre as culturas, o mundo da arte e seu ensino. Nesse sentido, como aponta Gayatri Spivak,

é preciso tomar as culturas como um conceito central no ensino de arte, para que se possam definir identidades e alteridades na contemporaneidade e posteriormente buscar a promoção de um diálogo intercultural que nos aproxime das produções estéticas contemporâneas dos índios com as dos não índios, rompendo as barreiras existentes entre culturas e as possíveis existentes entre as instituições envolvidas (SPIVAK, 1999, p. 35).

O estudo dos artefatos marajoara na escola possibilita que os alunos tenham informações importantes sobre modos de vida de povos ameríndios na atualidade, proporciona a possibilidade de identificações e de reconhecimento de uma ancestralidade americana que nos é inerente, embora muitas vezes negada e esquecida. Como esclarece os PCNs/ em Artes,

a cerâmica oportuniza o aluno a criar novas modalidades de artes visuais, resultantes de combinações complexas que perpassam por um conjunto amplo de experiências de aprendizado, articulando a percepção, a imaginação, a sensibilidade e a amplitude de conhecimentos que conferem o aprimoramento de técnicas rústicas em procedimentos simplificados e inovadores que atribuem beleza, significados e riqueza de detalhes as obras contemporâneas (BRASIL, 1998, p. 167).

A experiência de trabalhar a arte em cerâmica e da metodologia utilizada tem a intenção de demonstrar de maneira bastante singular a relação teoria/prática construída

ao longo do processo e servirá como subsídios à abordagem do conteúdo Arte e transversalidade, recomendado no PCNs – Arte do ensino fundamental.

Na escola, em que foi desenvolvida a pesquisa, foi imperativo fazer o mapeamento da estrutura física da mesma. Isso nos deu a possibilidades que o trabalho fosse bem desenvolvido, explicitando a potencialidade, bem como as necessidades dos envolvidos nas situações diárias, tais como: a elaboração de um questionário que foi entregue para os alunos na intenção de conhecer e entender o que já sabia sobre as culturas indígenas; a criação de metodologias plurais a serem transportadas aos projetos de ensino elaborados pelos alunos, resultando em oficinas artísticas experimentais (teóricas e práticas).

Assim, a metodologia que mais se adequou a esta pesquisa foi a investigação qualitativa através da observação participante. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo as autoras, Menga Ludke e Marli André, uma das vantagens da utilização dessa técnica é a “possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender o significado que atribuem à realidade e às suas ações” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 26). Portanto, trata-se de um estudo exploratório que aproxima-se do que denomina-se estudo de caso, que se iniciou com a escolha do objeto de estudo que foi a cerâmica marajoara no espaço da sala de aula.

Tendo em vista que à pesquisa se caracteriza como qualitativa, o meu campo de observação teve como foco a sala de aula e os alunos. Levando em conta que, a oportunidade permite o contato direto com os sujeitos de observação, além de possibilitar o confronto entre teoria e a prática. A pesquisa é também bibliográfica por exigir amparo numa fundamentação teórica através de consultas em livros, revistas, artigos. Documental por necessitar da análise dos desenhos produzidos pelos alunos – documentos iconográficos, bem como de campo por ter que utilizar da observação dos sujeitos objetos do nosso estudo.

Os sujeitos desta pesquisa foram os alunos do 9º ano A e B, compreendendo as idades entre 13 a 14 anos. Para a produção do trabalho utilizou-se como instrumentos de coleta de dados a observação participante. Para a produção do desenho e cartazes foi utilizado o papel A4, tinta de tecido, lápis, régua e papel madeira.

Com essa tentativa de elaboração de arcabouço metodológico, colocamos em prática o processo de construção do saber artístico do tema em questão. De fato, a proposta metodológica acima exposta, permite ao pesquisador captar detalhadamente, sobre vários ângulos, a arte indígena marajoara, essencialmente no que concerne a produção artística, o estilo artístico, formas, técnicas, grafismo, motivos artísticos, etc.

Isso possibilita que o aluno tenha outra visão sobre os índios, além de terem tido contato com valores extremamente diferentes dos seus. Esses conhecimentos contribuem na construção de uma postura de tolerância e respeito para com as diferenças.

A cerâmica marajoara no contexto escolar

Segundo Sônia Kramer, “a escola é o espaço adequado e ideal para a construção dos seres que farão parte de uma sociedade com atitudes éticas que sabem de onde vêm e o que querem” (KRAMER, 2001, p. 46). Assim sendo, têm condições de caminhar em direção à busca de justiça social de forma ativa. Para que isso se efetive é importante que o educador auxilie e favoreça a criação de “ambientes” propagadores de cultura, identidade social, étnica e de convivência integrada entre diferentes formas de pensamento e costumes, onde possa haver possibilidade de coexistência entre grupos sociais, religiosos, políticos e dando aos sujeitos o que é seu de direito.

Partindo do pensamento de Kramer, este relato procura apresentar a experiência pedagógica sobre a temática da cerâmica marajoara com os alunos do 9º ano da Escola Municipal Maria Valdionice Pereira da cidade de Carutapera-MA, num total de 06 aulas. A experiência de trabalhar a Arte Marajoara e da metodologia utilizada têm a intenção de demonstrar de maneira bastante singular a relação teoria/prática construída ao longo do processo e servirá como subsídios à abordagem do conteúdo Arte e transversalidade, recomendado no PCNs – Arte do ensino fundamental. Afinal, com a Arte e transversalidade o professor contribui para ampliar a percepção dos alunos sobre quem produz cultura, dando condições para que os próprios alunos se percebam como produtores de cultura, e ao mesmo tempo, também possam desenvolver uma compreensão de códigos culturais.

Com isso, objetivou-se a conscientização do valor do patrimônio arqueológico da Amazônia, assim como o devido reconhecimento e respeito sobre suas produções. No processo de criação preocupou-se, principalmente, com a compreensão acerca da cultura dos povos marajoaras, das simbologias dos artefatos e da importância da cerâmica.

Portanto, foram feitas várias experimentações utilizando estratégias de ensino baseadas nas metodologias pedagógicas no ensino da Arte na atualidade. Com relação aos conteúdos referentes à arte na educação, buscou-se teóricos que salientassem a importância da contextualização e da reflexão para a criação artística. Entre as autoras abordadas está Ana Mae Barbosa, com a Abordagem Triangular, que afirma que o “ensino das artes deve se dar em três momentos: Leitura da obra, Prática e Contextualização” (BARBOSA, 2003, p. 32). Outra autora, de grande relevância, foi Célia Maria de Castro Almeida, que afirma que o contato com as artes indígenas na escola

“auxilia também na construção de valores. Os alunos aprendem que podem expressar seus sentimentos e suas emoções através de linguagens artísticas e, dessa maneira, desenvolvem também o respeito pela criação do outro” (ALMEIDA, 2009, p. 45). Dessa maneira, a metodologia utilizada contribuiu muito para o enriquecimento do trabalho pedagógico, sendo possível através disso levar os alunos a refletirem sobre a arte indígena marajoara e seu papel na sociedade; sendo capazes também de aliar conhecimento à prática artística.

Na primeira aula, foi realizada uma conversa espontânea com os alunos sobre o que já sabiam sobre o tema, para que os mesmos ficassem conhecendo o conteúdo das aulas que iriam ser aplicada a eles. Depois de todas as explicações sobre o tema, iniciou-se uma discussão com os alunos sobre os conceitos de artes estimulando-os a exposição de suas ideias e expectativas. Os alunos escreveram conceitos de arte individualmente e depois fizeram a leitura. Com os conceitos de artes descritos nota-se o grau de entendimento sobre o assunto dos alunos. Depois fora estabelecido um dialogo explicando-os que o indígena tem uma concepção de arte diferente da concepção ocidental.

Para uma maior compreensão sobre a concepção de arte para o índio, apresentamos aos alunos por meio de fotos, revista e livros, algumas produções artísticas indígenas. Inicialmente procurou-se sensibilizar os alunos acerca da questão indígena atual, refletindo sobre a posição do índio na sociedade através da apreciação de fotos. Em seguida os alunos tiveram contato com produções indígenas de diversos tipos (cestaria, esculturas em madeira, imagens de vasos cerâmicos, artefatos plumeiros).

Nas aulas seguintes, optou-se pela aula expositiva e dialogada, no primeiro momento, fazendo uso de recursos digitais. Apresentamos aos alunos por meio de imagem reproduzida pelo projetor, o grafismo da cerâmica marajoara. As informações dos artefatos arqueológicos marajoara tiveram fontes variadas, entre sites da internet, de onde foram tiradas várias imagens, catálogos de exposições e revistas voltadas para a cultura marajoara. Esses materiais foram utilizados em sala de aula, para ilustrar e aprofundar o tema estudado. Outras informações, porém, tiveram que ser pesquisadas na internet em artigos de arqueólogos, bem como no catálogo do Museu Emilio Goeldi.



**Figura 1: Aula expositiva e dialogada sobre a cerâmica marajoara.
Autor: Aldair Souza, 2015.**

As aulas foram dialogadas, havendo sempre o jogo de perguntas no ar para levá-los a refletir sobre o tema e exporem o que sabiam previamente. Na exposição dos objetos explorou-se principalmente a linguagem do grafismo marajoara, bem como o significado das peças. Quando terminávamos de expor o artefato e abria espaço para os debates, os alunos ficavam admirados o que causou curiosidade e provocou vários questionamentos. Os alunos perguntavam: Como eles conseguiam produzir a cerâmica? Qual a importância da cerâmica na vida deles? Quem era que produzia a cerâmica? Por que eles faziam os desenhos na cerâmica? Para solucionarmos tais questionamentos fez-se o uso da leitura de textos sobre o assunto do material didático disponível no site do Museu Emilio Goeldi. Diante de tanta informação substancial, transformou suas fisionomias de curiosidade a espanto em segundos. É necessário ressaltar que toda esta informação foi questionada à exaustão pelos alunos. Este processo de debate na medida em que surgiam novas perguntas, novos diálogos eram estabelecidos e maturados. O interesse pela arqueologia ficou evidente pelos alunos, que perguntavam: o que é ser um arqueólogo? Como ele trabalha? O fato dos alunos serem extremamente participativos auxiliou na perpetuação desse tipo de metodologia.

Com a exposição da cerâmica na sala de aula, para apreciação e debate sobre o assunto, estimulando a curiosidade e a imaginação, propomos fazer uma produção textual simples e individual sobre o que viam e o que achavam da arte marajoara. Por meio da leitura dos textos verificou-se o grau de aprendizado do aluno sobre o assunto.

Na terceira e quarta aula foi selecionada a linguagem do desenho. Nesse sentido vale ressaltar a afirmação de Edith Derdik, que o “desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão” (DERDIK, 1994, p. 38). Complementando ainda que o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento.

Para trabalhar com o desenho ficou acordado a formação de grupos de trabalho. Os alunos formaram os grupos e receberam as imagens do grafismo marajoara. Na primeira etapa do desenho, ainda sugeria certa insegurança e aos poucos, o grupo foi exercitando a abstração. Quando terminavam de desenhar a folha, imediatamente iniciavam mais experimentos em outra folha. Mais adiante, de posse de um papel mais resistente e sofisticado, o papel madeira, o grupo iniciou a atividade de criação de puro abstracionismo. Cada um deveria criar suas barras de grafismo, baseados nos exercícios anteriores, nos objetos apresentados e em tudo o que já havíamos estudado sobre o assunto. Desta vez, os desenhos seriam coloridos de acordo com as cores presente nos animais da fauna amazônica.



**Figura 2: Produção artística dos alunos.
Autor: Aldair Souza, 2015.**

Na produção do desenho, objetivou construir, com os alunos, interpretações sobre os grafismos representados nos objetos marajoara. No momento da produção dos

desenhos, ressaltamos aos educandos que as principais características dos desenhos marajoaras são os motivos geométricos que se repetem criando padrões. Esses motivos se relacionam com os três domínios cosmológicos da tribo: natural, cultural e sobrenatural.

Diante disso, resolvemos expandir os traços gráficos marajoaras para a cerâmica. Como a escola não possuía uma estrutura adequada para que os alunos confeccionar a cerâmica optamos por peças prontas que adquirimos no comércio da cidade. As peças foram distribuídas aos grupos solicitando que desenhassem os grafismos criados por eles.

E durante as outras aulas, eles produziam as peças na sala de aula e depois levavam para o atelier e do atelier para a sala de aula. Os objetos eram trabalhados cuidadosamente evitando que quebrasse.



**Figura 3: Grafismo marajoara nas vasilhas e no papel A4.
Autor: Aldair Souza, 2015.**

Produzindo e explorando o grafismo marajoara nos vasos, pode-se aprender a ler e explorar a geometria. Nestas manifestações artísticas, os alunos observaram formas como triângulos, quadrados e círculos, além de outras mais complexas. Através do método de leitura de imagem pretende-se proporcionar aos alunos uma melhor compreensão da geometria, partindo do cotidiano dos mesmos e conhecendo a sua forma de pensar por procurar saber o que lhe atrai a atenção quando não está na escola.

É importante frisar, no entanto, que a utilização deste elemento na sala de aula deve ser feita de forma eficiente e envolvente, sob o risco de não desperdiçar a potencialidade do mesmo.

Todos os trabalhos foram tomando forma e cores. Quanto mais desenhavam, mais se admiravam com a própria produção. Este processo é de suma importância nas práticas artísticas, pois o aluno passa de sujeito observador a sujeito autor, criador de sua própria obra. Fortalece sua autoestima e autoconfiança. Segundo Ana Mae Barbosa, "a arte leva os alunos a formular conceitos, comparar coisas, passando do estado das ideias para o estado da comunicação. Neste momento, o aluno se encaixa em seu grupo como produtor de arte, de cultura, pois despertará seu interesse e afeição pelo conhecimento" (BARBOSA, 2002, p.36).

Na última aula sobre o tema proposto a experiência foi gratificante, pois os alunos fizeram apresentações dos desenhos e da cerâmica pintada. Foram expostos todos os trabalhos realizados durante a execução das aulas. A exposição aconteceu no ambiente da sala de aula e sendo apreciados pelos alunos da escola, professores, inclusive os pais.



**Figura 4: Grafismo marajoara no papel cartolina.
Autor: Aldair Souza, 2015.**

Através do trabalho com a cerâmica marajoara os alunos experimentaram novas maneiras de se expressar e de se desenvolver. Essa experiência é idêntica a vivência cotidiana, pois a mesma trabalha a ansiedade, frustração e o despertar do

sensorial criativo e terapêutico, podendo dizer que a cerâmica auxilia no desenvolvimento global do sujeito. Sobre isso Vygotsky aponta que o desenvolvimento de um indivíduo pode “acontecer de maneira informal, em contato com as práticas culturais do meio em que está inserido; outras vezes de forma deliberada, pela ação explícita de um educador, num contexto institucional” (VYGOTSKY, 1989, p. 41).

Portanto, no ambiente escolar, onde o aprendizado é o próprio objetivo de um processo que pretende conduzir o aluno a um determinado tipo de desenvolvimento, a intervenção do professor é um instrumento pedagógico necessário e importante. No entanto, isso não significa que o professor tenha que ser a única fonte de aprendizagem de um aluno. O professor seria, portanto, o que constrói os significados e o conhecimento da escola, mediante práticas interacionais.

A construção de uma proposta de ensino/aprendizado em arte focado no grafismo da cerâmica artística marajoara mostrou-se possível pela utilização de um referencial artístico e arqueológico calcado na valorização da cultura material e imaterial dos antigos povos do Brasil, mormente da Amazônia.

O objetivo, portanto, desta proposta cria estratégias de ensino que apontem para o rompimento com as convicções tradicionais de ensino de arte arraigadas aos conceitos hegemônicos de cultura, em especial no que se refere à cultura indígena. Assim, o estudo estilístico da cerâmica promover minimamente o respeito entre as diferentes formas de representação da cultura, criando possibilidade de trabalhar com este tipo de informação em processo de ensino.

A sala de aula deve ser um campo favorável para essa estratégia. O trabalho com a cerâmica na escola realmente constitui-se um recurso eficiente para o trabalho com os alunos, desde o início da escolarização. Por meio da cerâmica reforça-se a ideia de que a arte é uma forte ferramenta para se atingir o melhor resultado na arte-educação, mas ela deve ser utilizada sempre em complementação às aulas teóricas, ter relação com a realidade, deve visar à melhoria no nível de aprendizagem dos alunos, contemplar o aumento da participação e de interesse deles, a respeito dos assuntos abordados.

Desse modo, entendemos que a maior contribuição que temos a dar, por via do ensino da arte subsidiado pelo conhecimento da arte marajoara, é de criar possibilidades para que os agentes do processo de ensino, aluno e professor, liberem sua sensibilidade, seja na busca de soluções aos problemas encontrados ou no simples exercício criativo que procura inovações ao conhecimento instituído.

Referências

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. Ed: Cortez, São Paulo, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais: 5a a 8a séries do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DERDIK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo, Scipione, 1994.
- KRAMER, Sonia. **Alfabetização: Leitura e Escrita**. SP: Ática, 2001.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- SPIVAK, G. C. **A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

¹ ALDAIR JOSÉ BATISTA DE SOUZA é Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará (2008). Graduado em Artes pela FAERPI (2015). Possui especialização em Arte/Educação pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Mestrando em Artes Visuais pela UFPA, na condição de Bolsista da CAPES. É Professor da rede Estadual e Municipal, na condição de lecionar Arte e História. Atuou como coordenador/pesquisador do Museu de Arte Sacra Nossa Senhora do Rosário de Bragança-PA. Tem experiência na área de Ensino da Arte e História. Atuou e segue atuando na organização e preservação de documentos iconográficos do Museu de Arte, bem como na elaboração de exposições artísticas.

Enviado em: 17 de julho de 2016.

Aprovado em: 3 de março de 2017